



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 494-511, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

---

## A TOPONÍMIA NOS NOMES DE CIDADES DO ESTADO DE GOIÁS: ação categorizante ou resultado cultural?

## TOPONYMY IN THE NAMES OF THE CITIES IN THE STATE OF GOIÁS: categorizing action or cultural result?

**Marília Silva Vieira**  
**Bruno Bento Duarte**

### RESUMO

Esta pesquisa dedica-se à toponímia nos nomes de dez cidades do estado Goiás. Oportuniza-se a discussão acerca de duas possibilidades: o ato de nomear uma cidade como uma ação meramente categorizante ou como resultado de uma dinâmica cultural. Nessa linha, realiza-se um levantamento teórico, a partir da literatura de Verônica Ramalho Nunes, Raimunda Madalena Maeda, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, Aparecida Negri Isquerdo e Ana Paula Tribesse Patrício Dargel, em que ganha relevo um diálogo com saberes geográficos. A descrição dos topônimos conduziu à sua distribuição em taxonomias, situadas em dois grupos: de motivação física e cultural.

**Palavras-chave:** Lexicologia. Toponímia. Cidades. Goiás. Interdisciplinaridade. Mesorregiões.

### ABSTRACT

This work is dedicated to the toponymy of ten cities names in Goiás state. There is a discussion about two possibilities: the act of naming a city as a merely categorizing action or as the result of a cultural dynamic. In this line, a theoretical survey is carried out, based on the literature of Verônica Ramalho Nunes, Raimunda



Madalena Maeda, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, Aparecida Negri Isquerdo and Ana Paula Tribesse Patrício Dargel, in which a dialogue with geographic knowledge gains prominence. A description of the place names led distribution in taxonomies, situated in two groups: physical motivation and cultural origin.

**Keywords:** Lexicology. Toponymy. Cities. Goiás. Interdisciplinarity. Mesoregions.

Correspondência:

**Marília Silva Vieira.** Doutora em Letras (USP). Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Cora Coralina, Curso de Letras. Membro do Grupo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (NUPESDD - UEMS). Coordenadora do Projeto 'Chimarrão com pequi: acomodação dialetal de gaúchos em Goiás'. Goiás, Goiás, Brasil. E-mail: [vieirasmarilia@gmail.com](mailto:vieirasmarilia@gmail.com)

**Bruno Bento Duarte.** Graduação em Geografia (UEG). Especialista em Língua Portuguesa (UEG). Goiás, Goiás, Brasil. E-mail: [brunoduartegeo@gmail.com](mailto:brunoduartegeo@gmail.com)

Recebido em: 20 de julho de 2020.

Aprovado em: 5 de agosto de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4087/2807>

## 1 INTRODUÇÃO

O homem tem necessidade de nomear o espaço para “delimitar o lugar onde habita e exercer suas atividades profissionais” (ISQUERDO, 2012, p. 81). Logo, homem e meio natural (áreas que subsidiam elementos para a sobrevivência do indivíduo), em sua mais complexa relação, são responsáveis por processos mutáveis e adaptativos que direcionam a forma de vida e a estrutura social de uma população. Vislumbra-se, como o expoente máximo da estratificação social, a transição do rural para o urbano. Seguindo essa perspectiva, é possível refletir sobre a forma com que os lugares ganham seus nomes, à luz de uma ciência interdisciplinar, a Toponímia.

Como afirma Nunes (2013), Toponímia vem do grego *topos* “lugar” e *onoma* “nome”. Entende-se, então, que essa corrente se dedica ao estudo dos nomes dos lugares e designativos geográficos. Dentre as suas particularidades, estão a busca

pela etimologia, pelo significado e pelas transformações fonético-fonológicas e morfológicas do vocábulo.

A dinâmica de análise referente ao estudo toponímico permeia elementos variados e está inserida no espaço geográfico, partindo do pressuposto de que os nomes têm uma origem histórica ou cultural. A Toponímia constitui-se de conhecimentos atinentes à História, à Geografia, aos estudos culturais, linguísticos e dialetológicos e dedica-se ao recorte específico do léxico de uma língua, os nomes próprios de lugares, denominados *topônimos*.

Logo, a premissa de um estudo toponímico é a origem dos nomes de lugares, que mobilizam elementos culturais, históricos, naturais ou econômicos (fundador da cidade, atividade econômica hegemônica, rios, lagos, entre outras). É importante destacar que esses elementos também são objetos de análise da Geografia.

Paralelamente, Alves et al (2010) asseguram que, na Geografia Cultural, a toponímia auxilia a compreender a origem dos nomes dos lugares a partir de aspectos da dominação territorial, como a identidade e suas respectivas significações. Desse modo, ao evocar o nome do local, os sujeitos reforçam seu elo com ele, já que, conforme Tuan (1983), o espaço transforma-se em lugar quando adquire definição e significado.

Cosgrove destaca que “o local é [...] altamente complexo, com múltiplos patamares de significados” (1989). Ele é resultado de particularidades que permitem que o indivíduo o reconheça, e, quando fora dele, possa percebê-lo de formas distintas. Seja sob o prisma da Linguística ou da Geografia, a dinâmica que propicia a criação dos nomes de lugares é ampla e permeada por elementos que correlacionam ações humanas e características geográficas.

Dentro de uma perspectiva linguística do fato toponímico, Dauzat remete o estudo dos topônimos oriundos de substantivos ao campo conceitual da geografia física e/ou humana. Essa atitude parte, sem dúvida, da constatação prática de que nomes de lugares podem simplesmente se traduzir pelo denominativo da entidade geográfica que identificam [...] rios, lagos, vaus, montes, serras, cidades, vilas, colônias, arraiais, etc. (DICK, 1990, p. 95).

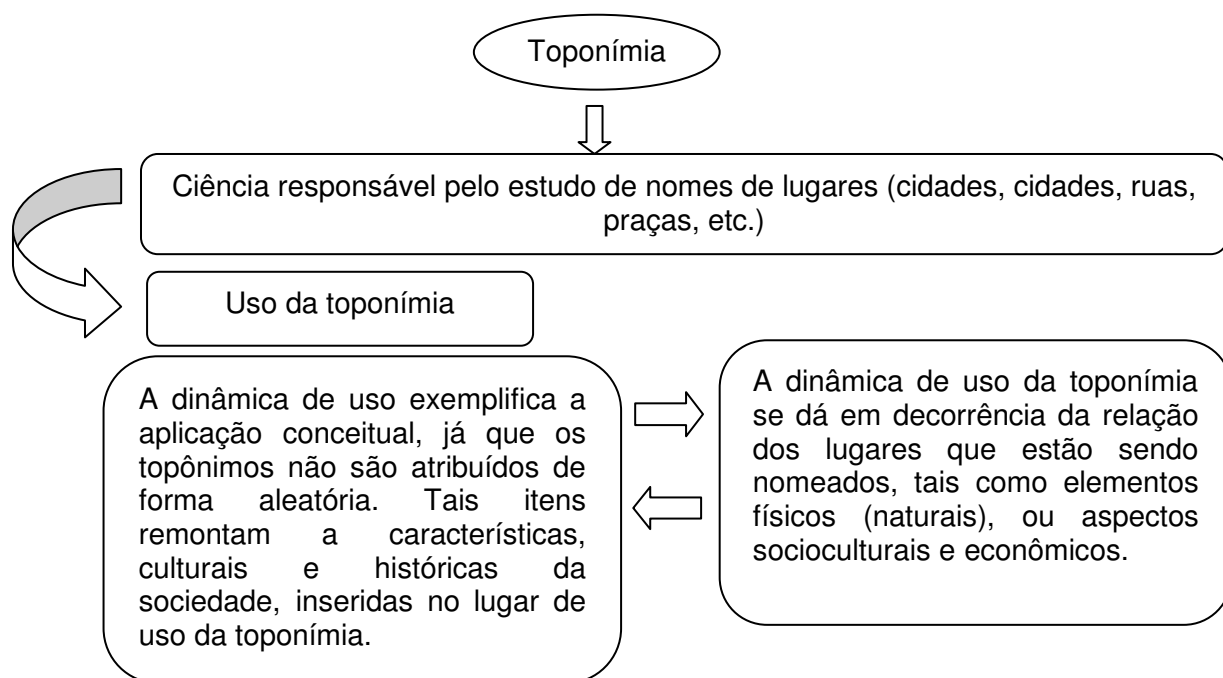
Mesmo que imperceptível, o ato de nomear um determinado lugar ganhou *status* de ciência, e busca, de acordo com Nunes (2013), a etimologia, o caráter semântico da palavra e suas transformações linguísticas, principalmente as fonético-

fonológicas e as morfológicas. Dentre as características principais no uso da toponímia, tem destaque a potencialidade adaptativa e de mudança da língua, que, a partir dos mais variados processos de formação de palavras, permite a criação de novos itens lexicais.

O estudo da toponímia pode evidenciar elementos culturais e valores regionais que delineiam a identidade de uma região. Além disso, pode explicar tendências toponímicas de uma localidade, região. A análise linguística, em especial, dos termos que designam lugares, deve ser pensada dentro de uma complexidade. Os estudos toponímicos são, de fato, amplos e estão inseridos em contextos linguísticos e socioculturais, como explicam Isquierdo e Dargel (2019).

O fluxograma abaixo sintetiza o percurso criador dos topônimos:

Figura 1 - Fluxograma: Dinâmica de uso e aplicação conceitual da toponímia



Fonte: Elaboração própria, com dados de Carvalho (2012) e Nunes (2013)

Nesse contexto, a compreensão do uso da toponímia se faz presente na relação do homem com o espaço e se serve de categorias da mais diversa ordem, como se observará mais adiante, nos topônimos de algumas cidades do estado de Goiás, selecionadas para este estudo.

## **2 CIDADES GOIANAS E SUAS PARTICULARIDADES (GEOGRÁFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS)**

O estado de Goiás possui particularidades que proporcionam o seu destaque no cenário nacional, dadas as suas características geográficas expressivas, com uma área de 340.106,492 km<sup>2</sup> e 246 cidades. Tem divisas com os estados de Mato Grosso do Sul a sudoeste, Mato Grosso a oeste, Tocantins ao norte, Bahia a nordeste, Minas Gerais a leste e pelo Distrito Federal (IBGE, 2019).

Goiás apresenta uma dinâmica territorial que expressa a conjuntura econômica e social do estado, com recursos naturais valiosos, que moldam sua economia. A disponibilidade hídrica é um fator que determina os arranjos socioeconômicos, tendo em vista que o modelo econômico hegemônico na região é o da agropecuária e, em potencial, a criação de gado no modo extensivo. Tal modelo econômico só é possível de ser desenvolvido devido à disponibilidade de pastagem de qualidade e à água. Quanto a esse aspecto, é importante frisar que Goiás é banhado por três bacias hidrográficas: a Bacia do São Francisco, a Bacia do Paranaíba e a Bacia Tocantins-Araguaia, situando-se, assim, em um sistema hídrico dinâmico, com sub e microbacias, resultantes dessas grandes bacias hidrográficas.

Então, se os topônimos têm, em sua essência, a dinâmica de relacionar/utilizar os nomes de elementos naturais para com as construções humanas, conclui-se que a conjuntura que permite o uso da toponímia das cidades liga-se a fatores naturais e à sua dinâmica econômica e social.

Desse modo, os nomes de muitas cidades têm relação com os indígenas e com os elementos naturais predominantes na região, como a fauna, a flora (rios e suas características, animais pertencentes ao bioma cerrado, algumas plantas do Cerrado, entre outras) e alguns minérios.

Partindo desses pressupostos, na próxima seção, serão abordados os critérios para seleção das cidades cujos topônimos serão descritos.

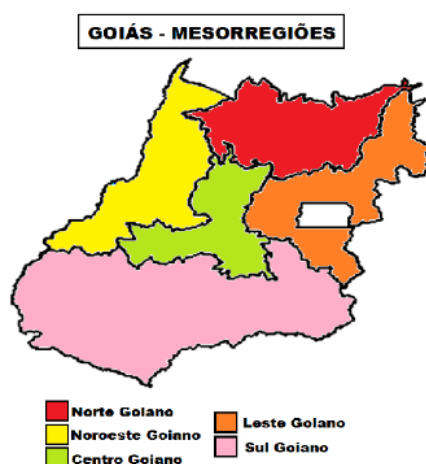
## **3 MÉTODOS DE ANÁLISE**

As dez cidades selecionadas contemplam a dinâmica de uso da toponímia na conjuntura das relações sociais com elementos naturais. Para que houvesse melhor

sistematização e homogeneidade da amostra, optou-se pela escolha de duas cidades de cada uma das mesorregiões do estado.

De acordo com o IBGE, a divisão regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas vigente foi aprovada pela Resolução (PR) Nº51 de 31/07/89. Tal divisão buscou identificar áreas individualizadas em cada um dos estados, de acordo com os seguintes critérios: “o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial”. Conforme a Resolução da Presidência (PR) Nº 11, de 5 de junho de 1990, Goiás é dividido em 5 mesorregiões: Centro Goiano, Leste Goiano, Noroeste, Norte Goiano, Sul Goiano.

Figura 2 - Mesorregiões do estado de Goiás<sup>1</sup>



Fonte: Suporte Geográfico (2020)

O quadro 1 apresenta as cidades selecionadas e as apresenta em função de seu ano de fundação (ordem crescente):

Quadro 1 - Descrição das cidades estudadas

<b>Cidade</b>	<b>Ano da formação administrativa</b>	<b>Mesorregião em que se localiza</b>
Cidade de Goiás	1729	Noroeste
Itaberaí	1840	Centro goiano
Caldas Novas	1857	Sul
Cristalina	1901	Leste (entorno do DF)

<sup>1</sup> <https://suportegeografico77.blogspot.com/2017/11/atividade-com-mapa-mesorregioes-de-goias.html>. Acesso: 24 jun. 2020.

Hidrolândia	1930	Sul
Ceres	1943	Centro goiano
Porangatu	1948	Norte
Britânia	1958	Noroeste
Cidade Ocidental	1976	Leste (entorno do DF)
Minaçu	1976	Norte

Fonte: IBGE (2018)

Nota-se uma heterogeneidade dos topônimos em estudo, uma vez que são motivados por diferentes elementos, como cursos de água, composição do solo, paisagem e misticismo.

Na seção seguinte, será identificada a vertente que influencia a elaboração do topônimo de cada uma das cidades escolhidas para o presente estudo. É importante salientar que duas ou mais características podem atuar conjuntamente para a elaboração do item lexical que designa o nome de um lugar.

### **3.1 Descrição dos topônimos**

Tais como dispostos no Quadro 1, os topônimos das cidades elencadas neste artigo serão apresentados com base na ordem crescente de seu ano de fundação. Portanto, o primeiro deles é a Cidade de Goiás.

#### **3.1.1 Cidade de Goiás**

Situada no noroeste goiano e nacionalmente conhecida por seu vasto arcabouço histórico-cultural, a Cidade de Goiás é cenário de grande inquietação científica, que propicia o surgimento de análises complexas. Nesse contexto, seu nome é passível de investigação, já que deriva dos indígenas da tribo Goyaz, que viviam nas áreas onde hoje se localiza a cidade.

Sabe-se que a história da cidade de Goiás, também conhecida como Goiás Velho ou Vila Boa de Goiás, tem início em 1726, quando o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, encontrou jazidas de ouro na cabeceira do Rio Vermelho. Nessas terras, que eram habitadas pelos índios da tribo Goyaz, o bandeirante fundou o arraial de Sant'Anna, que, depois de uma década, foi elevado à condição de vila, e se tornou a capital da Capitania de Goiás.

Portanto, assim como é possível identificar traços históricos no uso de sua toponímia, ressaltam-se também aspectos de seu desenvolvimento. A Cidade de Goiás apresenta uma dinâmica de expansão urbana bem similar às cidades que têm processos e modelos de expansão urbana sistêmicos, sendo que os centros (históricos ou comerciais) tendem a ser o ponto de partida dos espaços urbanos. Os bairros do entorno, normalmente comerciais, representam o segundo processo de expansão urbana das cidades e, posteriormente, os bairros periféricos destinados, em potencial, para a moradia. Essas dinâmicas têm relação direta com o uso da toponímia, sendo que os elementos utilizados para o uso dos topônimos destacam o campo cultural ou econômico em que a cidade está inserida.

Além disso, a expansão urbana diz muito da estrutura social e econômica da cidade. A Cidade de Goiás, por exemplo, tem como referência o centro histórico e a elitização social dessa área, que retrata a sua fundação e como a cidade se desenvolve, bem como as áreas periféricas destinadas a escravos negros e indígenas, como os Goyaz, que foram a inspiração para o nome do estado e, posteriormente, para o da cidade, antiga capital.

O distrito e freguesia foram criados em 1729, com a denominação de Santana de Goiás. Por fora da Carta régia datada de 11 de fevereiro de 1736, foi criado o Cidade, que recebeu o nome de Vila Boa de Goiás, instalado em 25 de julho de 1739. Em 8 de novembro de 1744, recebeu qualidade de sede administrativa da Capitania de Goiás, por fora do Alvará que a criou. A sede municipal coube foros de cidade, e o topônimo do município<sup>2</sup> foi simplificado para Goiás, por efeito da Carta de lei de 17 de setembro de 1818. ([www.goiasgo.com.br](http://www.goiasgo.com.br), 10 jun. 2020).

A história da Cidade de Goiás entrelaça-se com a da vida de Bartolomeu Bueno da Silva, e mais ainda com a de seu filho, responsáveis pela “descoberta” do território onde hoje se encontra a cidade e, respectivamente, com a fundação da vila que viria a se tornar a Cidade de Goiás. Tanto a estrutura urbana quanto o nome da

---

<sup>2</sup> O município é a menor unidade territorial brasileira com governo próprio; é formado pelo distrito-sede, onde acha-se localizada a cidade, que é a sede municipal e que leva o mesmo nome do município e, que corresponde à zona urbana municipal e; também, pelo território ao seu entorno, a zona rural municipal, que pode ser dividida em distritos, cuja maior povoação recebe, geralmente, o nome de vila. (PINTO, 2003, p. 29 *apud* PINA, LIMA, SILVA, 2008, p. 135).



cidade sofreram mudança, a área urbana se expandia e, de vila, transformou-se em cidade<sup>3</sup>.

### 3.1.2 Itaberaí

Situada no centro goiano, Itaberaí é uma cidade que vem se expandindo de forma gradual, com destaque no âmbito econômico. Embora tenha se constituído como fruto de uma economia primária, Itaberaí não teve seu topônimo derivado da dinâmica responsável por sua fundação. Diferentemente de tal fato, seu nome é motivado por um rio.

Itaberaí tem origem marcadamente agrária, o que a diferencia dos principais núcleos urbanos que se consolidaram em Goiás no século XVIII, quase sempre resultantes da mineração aurífera. Conforme conta a tradição oral, o *curralinho* onde se originou, corruptela de *curralzinho*, situava-se no *Larguinho*, onde hoje é a praça Joaquim Lúcio (IBGE, 2018), à margem direita do rio das Pedras. Este nome passou para a povoação nascente e assim foi que o núcleo urbano e, depois, todo o município ficou conhecido, até 1941, quando o topônimo passa a ser *Itaberaí*.

Em 05 de agosto de 1924, por iniciativa do deputado coronel Benedito Pinheiro de Abreu, entra em vigor o projeto de mudança de nome de *Curralinho* para *Itaberahy*, que, em guarani, significa *Rio das Pedras Brilhantes*. O processo de formação do topônimo também é resultado de justaposição: [ita-]: pedra; [-bera] – brilhante; [-hy]: rio.

### 3.1.3 Caldas Novas

Caldas Novas é uma das cidades de maior ascensão no turismo, localizada no sul goiano. Traz engendrados, na sua história, traços da cultura estadual e nacional, haja vista que sua criação, assim como a das demais cidades, aconteceu em decorrência das expedições realizadas pelos bandeirantes. Uma peculiaridade de Caldas Novas é que sua construção não ocorreu em função do ouro encontrado

---

<sup>3</sup> Um topônimo a ser destacado na Cidade de Goiás é a Serra Dourada, formada há cerca de 500 milhões de anos, nos primórdios da vida na Terra. Suas formações rochosas, repletas de cristal de quartzo e arenitos, possuíam também ouro, mas em pouca quantidade, quando comparada a regiões como Minas Gerais. A Serra Dourada recebeu esse nome devido ao reflexo formado pela luz do sol em suas escarpas, nos seus 35 mil hectares.

pelos bandeirantes na área onde se localiza a cidade, mas por conta das fontes termais, principal atrativo do local.

De acordo com o IBGE (2018), foram descobertas fontes termais denominadas *Caldas de Pirapitinga*. Naquele ano, Martinho Coelho descobriu, em 16 de fevereiro, fontes termais às margens do córrego de Lavras, que receberam o nome de *Caldas Novas*, local onde, atualmente, se localiza o Balneário Municipal. Ao mesmo tempo, descobriu-se, no local, ouro em grande quantidade.

#### 3.1.4 Cristalina

Sem desvincular-se do uso de elementos geográficos nos topônimos das cidades do estado de Goiás, *Cristalina* é um nome motivado pela existência de elementos naturais na cidade, uma vez que o topônimo foi escolhido em virtude da economia vigente no período de sua fundação. Durante muitos anos, a principal atividade de Cristalina baseou-se na exploração de cristais. A produção mineral foi amplamente exportada para vários países da Europa e os cristais daqui fizeram parte das joias da nobreza europeia (IBGE, 2018).

Vale ressaltar que o topônimo é formado pelo processo de composição, em que o radical *crystal* é justaposto ao sufixo [-ina], de origem latina, utilizado em adjetivos que exprimem a ideia de *origem*.

#### 3.1.5 Hidrolândia

No caso de Hidrolândia, cidade do sul goiano, mesmo sem um estudo mais aprofundado, é possível resgatar que elementos geográficos foram o ponto de partida para a elaboração do nome. De acordo com o IBGE (2018), o Decreto nº 454, de 24 de novembro de 1930, garantiu o desmembramento do Distrito de Santo Antônio das Grimpas, anteriormente anexo ao de Pouso Alto. Com a emancipação, originou-se Hidrolândia.

Dr. Mário, exímio conhecedor da região, teve o privilégio de escolher o nome para a recém-criada cidade. Como havia abundância e boa qualidade de suas águas, considerou adequado denominá-la *Hidrolândia*, como explica a constituição

morfológica, por justaposição<sup>4</sup>: *hidro* é um radical grego que significa *água* e [-lând + ia], que designa *terra*. *Land* tem origem anglo-saxã, alatinado tardiamente por meio do sufixo [-ia], próprio de locativos pátrios.

### 3.1.6 Ceres

*Ceres* foge aos padrões de uso e aplicação de toponímias das outras cidades do estado. A construção e a fundação de *Ceres* vinculam-se à economia primária (agricultura e pecuária), setores que nortearam a definição do topônimo, inspirado na deusa da agricultura da mitologia romana.

Em 1941, efetivava-se, na margem esquerda do rio das Almas, gleba denominada São Patrício, a Colônia Agrícola Nacional de Goiás – CANG, cujo núcleo sede recebeu o topônimo de *Ceres* (deusa da agricultura) decorrente do objetivo para o qual foi idealizada. (IBGE, 2018, não paginado).

*Ceres*, denominada *Deméter* para os gregos, é deusa dos cereais, que simboliza o poder das entranhas da terra. Segundo a mitologia, ela ensinou aos homens o ofício de arar, plantar e colher, e, às mulheres, a habilidade de moer o trigo e fazer o pão.

Figura 3 - A deusa *Ceres*<sup>5</sup>



Fonte: Mitologia Online (2020)

<sup>4</sup> Na *composição*, novas palavras são formadas a partir da união de dois ou mais radicais, como em *passatempo*, constituída pelo verbo *passa* e pelo substantivo *tempo*.

<sup>5</sup> Fonte: <https://www.mitologiaonline.com/mitologia-grega/deuses/ceres/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

O início da vida de Ceres teria sido conturbado. Quando nasceu, foi engolida por seu pai, Saturno, assim como acontece com seus irmãos Juno, Vesta, Plutão e Netuno. Saturno, único filho que não havia sido engolido, deu uma beberagem a seu pai, que fez com que ele "vomitasse" todos irmãos. Ceres, por ter sido a segunda filha "ingerida", foi a penúltima a ser devolvida.

### 3.1.7 Porangatu

Segundo dados do IBGE (2018), os primeiros habitantes da região foram índios da tribo dos canoieiros. No século XVIII, houve povoamento intenso oriundo da descoberta de ouro. O novo núcleo foi chamado de *Descoberto* e, em 1943, passou a ser denominado *Porangatu*, que, em tupi, significa paisagem bela (formado pela justaposição dos radicais *poran* - bela e *gatu* - paisagem, IBGE, 2018).

Há, contudo, uma lenda segundo a qual uma índia chamada Angatu se apaixonou por um bandeirante, de nome Antônio. Apesar de terem sido proibidos de se encontrar, começaram a se encontrar às escondidas. Quando o chefe da tribo soube do romance, ordenou que o bandeirante morresse com uma flecha e que seu corpo fosse queimado, na frente de Angatu. No tronco da árvore, Antônio teria dito: "Morro por Angatu!".

### 3.1.8 Britânia

Britânia é uma cidade referência no turismo, detentora de vários elementos naturais que lhe propiciam vasta beleza. Nesse contexto, a cidade passou por um momento interessante do ponto de vista toponímico, já que a escolha do seu nome ocorreu em um sorteio. Curiosamente, o item lexical deriva em razão da semelhança das belezas naturais da local com as encontradas nas ilhas Britânicas.

Foi realizado um concurso para a escolha do nome da cidade, no qual concorreram os seguintes nomes: Quênia, Primavera, Goiás Luz, Vera, sendo eleito o nome 'Britânia', indicado por alguém que conheceu e o indicou pela grande semelhança do município, em seus aspectos geográficos e hidrográficos, com as Ilhas Britânicas. (IBGE, 2018).

Com cerca de 5 mil habitantes, a cidade localiza-se a 320 km de Goiânia. Lá, encontra-se o Lago dos Tigres, que, com 37 km de extensão, é o maior lago natural da América do Sul.

### 3.1.9 Cidade Ocidental

Situada no leste goiano, Cidade Ocidental teve início com o surgimento de um núcleo residencial no município de Luziânia, em 1974. Naquele ano, João Batista de Souza, proprietário da Fazenda Aracati, vendeu 5,04 km<sup>2</sup> de terra a Cleto Campelo Meireles, e assim, o pequeno local passou a pertencer à Zona Suburbana de Luziânia.

Cleto Meireles, proprietário da Construtora Ocidental, tinha o desafio de transformar uma pequena área rural em uma cidade. O projeto foi executado em menos de três anos. Foi assim que, em 15 de dezembro de 1976, o antigo núcleo foi emancipado e nomeado de forma similar à construtora que executou o projeto urbano do município.

### 3.1.10 Minaçu

Minaçu é uma cidade do norte goiano, situada a 300 km da capital, Goiânia. Foi fundada em virtude da descoberta de minas de amianto, onde se criou uma mineradora. Com as minas, houve concentração de trabalhadores no local, que ocasionou o surgimento de um povoado que, em 1969, contava, com uma igreja de paredes de madeira, coberta de palha de buriti, emancipado em 1976, depois de ser desmembrado de Uruaçu.

O nome *Minaçu* foi sugestão do comerciante Carolino Fernandes de Carvalho. Em tupi-guarani, o sufixo [-açu] significa *grande*. Desse modo, houve um processo de composição por aglutinação<sup>6</sup> (mina + açu), ressaltando, na formação do topônimo, a principal atividade econômica do local.

---

<sup>6</sup> Diferentemente da *composição por justaposição*, em que em novo vocábulo é formado pela aproximação de dois outros, preservando-se toda sua estrutura fônica, na *composição por aglutinação*, formam-se palavras compostas com significado próprio, com a perda de um ou mais segmentos fônicos. É o que ocorre em *aguardente* (*água + ardente*), em que há dois radicais, o substantivo *água* e o adjetivo *ardente* e a eliminação de uma vogal [a].

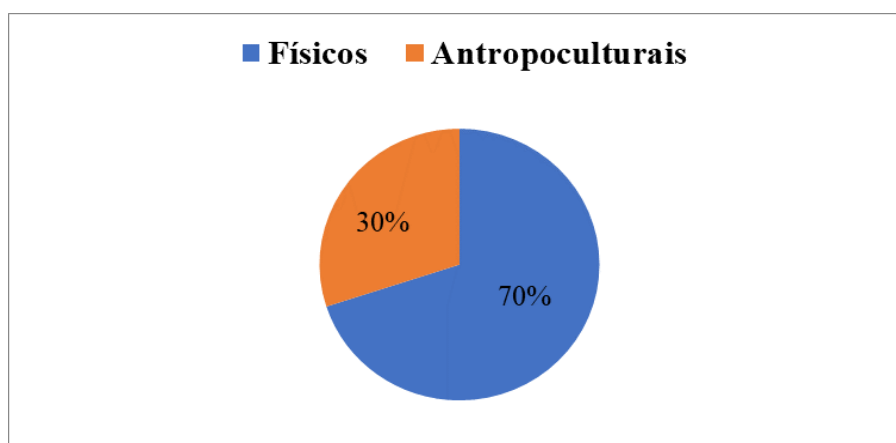
Depois de descritos os topônimos das dez cidades selecionadas para este estudo, na seção seguinte, serão apresentadas algumas considerações, em nível macro, a respeito deles, como sua categorização em taxonomias de análise.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como se pode constatar, os mais variados elementos são usados para a atribuição dos nomes das cidades. Há uma grande complexidade quando se analisa a língua e esse cenário se amplia quando há apropriação de conhecimentos de outras áreas do saber, como a Geografia.

A predominância de elementos culturais nos nomes das cidades de Goiás de diferentes mesorregiões cria um paralelo interpretativo que direciona a dinâmica de tais topônimos, visto que, mesmo diante de uma economia pujante<sup>7</sup> e de um vasto arcabouço histórico e cultural, as particularidades naturais ainda parecem ser as mais salientes, como ser verificado no gráfico:

Gráfico 1 - Grupos de topônimos



Fonte: Elaboração própria (2020)

Observa-se que os topônimos analisados são, em grande parte, resultado de ação cultural. Isso se dá por meio da apropriação de elementos indígenas e dos morfemas do tupi-guarani, mesmo em casos em que houve adaptações ortográficas, como em Goyaz > Goiás e Itaberahy > Itaberaí.

<sup>7</sup> Segundo dados da Segplan (2017), o estado de Goiás possui uma economia em que se destaca a forte presença da agropecuária, contribuindo com 10,4% no Produto Interno Bruto (PIB) do Estado Goiano. Conforme indica o IBGE (2014), a participação do estado de Goiás no PIB nacional é de 2,9%, de acordo com dados de 2014 do IBGE, perdendo apenas para Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

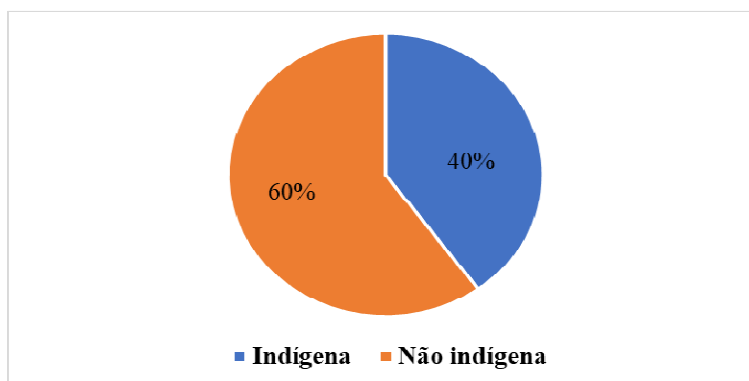
Segundo Dick (1990), existem 27 *taxes* para a classificação das toponímias. A terminologia dessas *taxes* é constituída por dois elementos: o primeiro está ligado à função da classe genérica e, o segundo, à origem do estudo. Logo, em etnotopônimo, *etno* refere-se à etnia e *topônimo* à origem do estudo em questão. As *taxes* toponímicas classificam-se em dois grupos: físico e antropocultural.

Observa-se que, entre os topônimos analisados na presente pesquisa, 7 são de natureza física (Itaberaí, Caldas Novas, Cristalina, Hidrolândia, Porangatu<sup>8</sup>, Britânia e Minaçu) e 3, de origem antropocultural (Goiás, Ceres e Cidade Ocidental).

No primeiro grupo de *taxes*, encontram-se, dentre outros, fitotopônimos (relativos ao meio ambiente ou a aspectos da natureza: Porangatu e Britânia); hidrotopônimos (topônimos alusivos aos cursos de água: Itaberaí, Caldas Novas, Hidrolândia); litotopônimos (topônimos de origem mineral, como pedra, ouro, prata e cobre e que têm relação com a constituição do solo: Cristalina e Minaçu).

Dentre os topônimos do segundo grupo de *taxes*, verificam-se, dentre outros, etnotopônimos (topônimos relacionados a grupos étnicos: Goiás); mitotopônimo (nomes referentes a seres mitológicos: Ceres) e sociotopônimos (relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho: Cidade Ocidental). Além disso, os topônimos das dez cidades selecionadas também foram analisados quanto à sua origem indígena, como mostra o gráfico:

Gráfico 2 - Topônimos de origem indígena



Fonte: Elaboração própria

<sup>8</sup> Considerou-se, para fins de análise, a etimologia do topônimo tal como assegura o IBGE (2018), e não como sugere a lenda da índia Angatu.

Quatro dentre os topônimos têm origem indígena: Goiás, Itaberaí, Porangatu e Minaçu. Esse resultado permite perceber que a influência indígena é um agente significativo quando da nomeação de cidades de Goiás, fato que, provavelmente, reflete a história de povoação desse estado.

Nota-se que o processo de formação de novos itens lexicais, que ocorre nos topônimos, representa uma relação imanente entre a cultura do lugar e sua forma de categorizar o território, sob um ponto de vista específico. Assim, os resultados obtidos por meio das análises podem ser sintetizados no quadro 2:

Quadro 2 - Categorização geral dos topônimos

Cidade	Taxe		Origem indígena	
	Física	Cultural	Existente	Não existente
Goiás		X	X	
Itaberaí	X		X	
Caldas Novas	X			X
Cristalina	X			X
Hidrolândia	X			X
Ceres		X		X
Porangatu	X		X	
Britânia		X		X
Cidade Ocidental		X		X
Minaçu	X		X	

Fonte: Elaboração própria (2020)

Diante dos dados de análise supracitados, é pertinente retomar Saussure, em sua célebre afirmação de que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 1975, p. 15). Logo, tanto sob a perspectiva geográfica, quanto sob o viés linguístico, a toponímia é o resultado de um recorte particular de realidade, estendido sobre um território, que resulta no surgimento de uma identidade. Nomear é atribuir significado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir teia teórico-metodológica da Toponímia, foi possível compreender a origem dos nomes das dez cidades goianas selecionadas, desmistificando



elementos-chave, atinentes ao modo de vida e à estrutura social da população desses territórios. Além disso, foram exploradas as características-chave dos topônimos.

É possível constatar que os topônimos de cidades goianas são constituídos por elementos físicos e culturais. Por outro lado, observa-se também a seleção de valores e crenças que imprimem no espaço seu recorte particular do mundo.

Embora seja interdisciplinar em sua essência, nesta pesquisa, a Toponímia recebe um reforço de alguns dados do IBGE, no afã de assegurar, com maior precisão, alguns dados das cidades em estudo e selecionar localidades que representem as cinco mesorregiões de Goiás. Dessa forma, parece ficar ainda mais evidente que a formação de palavras na língua, processo que resulta nos topônimos, mostra-se receptiva a alguns objetos de análise da Geografia.

Por meio dessa visita a alguns dados geográficos, históricos e culturais, conclui-se que a toponímia nos nomes de cidades de diferentes regiões de Goiás tem apelo físico e, majoritariamente, cultural. Como expoente mais expressivo da cultura, notam-se os radicais e afixos de origem tupi. Tal fato evidencia que a dinâmica de uso dos topônimos investigados é produto cultural, e não uma categorização aleatória. Os topônimos em questão simbolizam um resgate da história do estado de Goiás, com alusão aos primeiros povos que habitaram o solo goiano.

Entende-se, por fim, que a toponímia revela como as pessoas se relacionam com os lugares e como usufruem deles. Em outras palavras, ao ser objeto de nomeação, o espaço passa a ser uma das formas de representação dos sujeitos que o habitam.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Juliana Araújo et al. Natureza, sociedade e cultura: a Amazônia (re)inventada a partir de seus topônimos. **R. RA´E GA**, Curitiba, n. 19, p. 7-17, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/13975>. Acesso em: 29 jul. 2020.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. Língua e identidade cultural: o estudo da toponímia local na escola. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia:

EDUFU, 2012. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume\\_2\\_artigo\\_025.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_025.pdf). Acesso em: 29 jul. 2020.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto. L.; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os vocábulos toponímicos básicos no “vocabulário na língua brasileira” e sua relação geográfica. **Rev. Inst. Est. Bras.**, São Paulo, n. 31, p. 95-111, 1990. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70051>. Acesso em: 29 jul. 2020.

ISQUERDO, A. N. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. *In*: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. (org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. v. 6. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012. p. 115-139.

ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P. Projeto ATEMS: parâmetros metodológicos. *In*: ISQUERDO, A. N. **TOPONÍMIA. Tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul**. v. 2, Campo Grande: Editora UFMS, 2019. p. 19-64. Série Toponímia.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/panorama>. Acesso: 06 jul. 2020.

MAEDA, R. M. A. **A Toponímia Sul-Mato-Grossense: um Estudo dos Nomes de Fazendas**. Tese. Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2006, 276 f. Disponível em: [http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica\\_lingua\\_portuguesa/945.pdf](http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/945.pdf). Acesso em: 29 jul. 2020.

NUNES, Verônica Ramalho. Toponímia e ensino: Os nomes de lugares de origens indígena nos livros didáticos de Geografia do ensino fundamental, considerações iniciais. **Anais do I Simpósio de Linguística, Literatura e Ensino do Tocantins**, UFT, Araguaína, 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/10343/7510>. Acesso em 29 jul. 2020.

PINA, José Hermano Almeida; LIMA, Osmar Almeida de; SILVA, Vicente de Paulo da. Município e distrito: um estudo teórico. **Revista de geografia agrária**, v. 3, n. 6, p. 125-142, ago. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11851>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix: São Paulo, 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.